

INTRODUÇÃO

pensei em começar a falar
do que sempre falei
mas não como se não houvesse
algo em mutação em retranscrição
em uma leitura e interpretação
que é também e sobretudo viral –

lembro que quando pequeno
o horror de um vírus e de
sua doença incurável – eram os
anos 80 – fez toda uma geração
sentir o medo de tocar o outro
tocar intimamente
porque não há outro tato
ao menos até a chegada do coronavírus –
a aids era então aquela doença
e o hiv essa forma viva que destruía
qualquer imunidade modificando-se
a todo minuto impossível de se
prever os próximos movimentos –

daí vieram todos os estereótipos
todas as etiquetas que acompanharam
as mortes dos primeiros infectados
que como uma minoria
levou muito tempo quase um
tempo sem urgência para
que se produzisse um medicamento
válido e pensar que poderíamos
sonhar com uma cura –

o contágio íntimo era o
único contato a ser tomado
como interdição e toda uma
geração amedrontada surgiu –

agora parece tudo ser diverso
só parece mas

falta ar – *atemwende* –
e talvez falar de poesia
não seja tão inválido agora
desde que não seja o mesmo
modo com que sempre
falamos como sempre atuamos
no esperado no que se
espera de quem lê ou se põe
a ler poesia

assim nesse confinamento
que a uma parcela privilegiada
foi conferido passo os olhos
nas estantes de poesia que
estão perto de mim e vez
ou outra tenho um relance
e um ímpeto de pegar
um dos livros que está ali
quase que mudo esperando
ser aberto ganhar novos olhos
ganhar um outro fôlego

por isso decidi falar
em linha quebrada ou nessa
linha que fracassou na prosa
de uns livros de poesia que
tenho aqui
já que eles ensaiam uma abertura

primeiro uns 40 livros
que suportem uma quarentena
e depois desses 40 um
breve recorte: todos brasileiros
todos contemporâneos
e todo o restante veio ou virá
quase ao acaso
talvez sejam guiados por
outras leituras outros interesses
inclusos ou escusos
que possam surgir no meio
do caminho no meio de um
verso ou outro que me chame

a entrar não pela porta
mas também não pela janela

apenas livros de poesia
que digam não haver
nenhuma diferença possível
entre o público e o privado
– a necessária destituição
da propriedade privada –
que digam que já em
algum momento houve
contágio.